

## ■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### ■ Ação educativa patrimonial em sala de aula: Brasília – cidade inventada

 *Adriana Lopes dos Santos Prado* \*

**Resumo:** O presente texto explora as interfaces entre Patrimônio Cultural, Educação Patrimonial e Arte Visual. Com a intenção de relatar uma experiência em sala de aula, ocorrida no 1º bimestre do ano letivo 2019, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, de uma escola pública na cidade de Taguatinga/DF. Inicialmente, realizamos uma introdução sobre os conceitos de Patrimônio e Patrimônio Cultural. Na sequência, apresentamos a importância do fomento e difusão da Educação Patrimonial enquanto mecanismo de preservação e conservação da memória e identidade, trabalhando a leitura da imagem, a contextualização dos conteúdos e o fazer artístico.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural. Educação Patrimonial. Urbanismo. Arquitetura. Paisagismo. Arte.

---

\* *Adriana Lopes dos Santos Prado é doutoranda em História da Arte, pela Universidade de Évora/Universidade Nova de Lisboa (em andamento), mestre em Museologia, pela Universidade Nova de Lisboa (2014). Graduada em Artes Plásticas (licenciatura e bacharel), ambas pela Universidade de Brasília (2009 e 2011). Contato: a.lopesprado@gmail.com*

## Patrimônio e Patrimônio Cultural

O termo patrimônio é um conceito antigo, originário do latim *patrimonium*, utilizado no vocabulário do Império Romano, cujo significado é relativo a bens privados e alienáveis, a herança familiar ou do pater (pai), o patriarca. Progressivamente, outros povos utilizaram o termo para referir, então, ao cuidado com os monumentos, bem como dirigir-se ao conceito estrito de herança – como o caso dos ingleses, que utilizam a palavra *Heritage*.

Em virtude da evolução na linha temporal das línguas românicas, ocorre uma progressiva flexibilidade e mutabilidade no que se refere ao significado dessa palavra, expandindo-o para âmbitos como heranças de monumentos provenientes de outras gerações. Por outro ponto de vista, neste caso sociológico, o termo patrimônio associa-se a valor – valor este vinculado a “coisas” que representam o indivíduo, ou seja, um ativo valioso que mantém intrínseca comunicação com outrem, sendo o ativo facilitador da (re)montagem da história do passado até futuro. Assim,

O ‘património’ é uma noção que define todos os recursos que se herdam, bens mobiliários e imobiliários, capitais, etc. O objetivo do património é garantir a sobrevivência dos grupos sociais e também interligar umas gerações com as outras (Rodríguez Becerra, 1997). Desde este ponto de vista, tem-se em conta que o património, enquanto legado, pode ser acumulado, perdido ou transformado de uma geração a outra (PEREIRO, 2006, p. 23-41).

O patrimônio é um conceito relativo, que varia com as pessoas e com os grupos que atribuem esse valor, permeável às flutuações da moda e aos critérios de gosto dominantes, matizados pelo figurino intelectual, cultural e psicológico de uma época (PERALTA, 1997, p. 1).

Ao sugerirmos que o patrimônio se relaciona com gostos e tendências, diretamente recuamos ao período Renascentista, onde a moda frequentemente influenciava as relações de poder e os valores. Desse modo, “As ruínas greco-romanas começaram assim a ser muito valorizadas – foram assiduamente visitadas, as inscrições copiadas e certos edifícios conservados, descritos e medidos” (VIEIRA, 2006, p. 18).

Já no século XIX, no Romantismo, o conceito é trabalhado no contexto e no ambiente da intervenção pública da intelectualidade, ou seja, no âmbito filosófico, inculcando a criação, fundamentação e estruturação cultural da sociedade. Nesse trânsito, valores patrimoniais são reconhecidos a fim de serem transmitidos para gerações posteriores.

Contudo, foi principalmente a partir da Revolução Francesa que a noção de Patrimônio ganhou maior destaque e uma dimensão jurídica mais elaborada. Logo, surgiram os primeiros decretos sobre conservação e salvaguarda dos monumentos históricos. “A 2 de Outubro de 1789, efectuou-se um dos primeiros actos jurídicos da Constituição, ao colocar os bens do clero à disposição da nação (...) de seguida os dos emigrantes e por fim os bens da coroa” (CHOAY, 2001, p. 98). Nesse momento, sobre o assunto, também se dá a tomada de consciência coletiva, em dimensão internacional, e ocorre a consagração de questões relativas ao patrimônio, entre 1820 a 1964.

Vale ressaltar que

O conceito de monumento (do latim – monere) significava, no quadro das relações entre romantismo e liberalismo, por influência do historicismo alemão, o «documento», algo cuja função era instituir, concorrer para a reconstrução do modo como decorreu uma civilização, uma sociedade. Era um testemunho do passado, importante pelo seu interesse cultural e estético (CUSTÓDIO, 1993, p. 40).

Com a publicação da Carta de Atenas, em 1931, disseminam movimentos de amplitude internacional com foco na preservação do bem cultural, como o caso do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), ambos criados em 1946, e também do Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauro dos Bens Culturais. Todavia, foi com a atualização da carta, ou seja, com a publicação da Carta de Veneza, em 1964, que se concretizou o reconhecimento internacional de que os monumentos históricos são testemunhas de gerações passadas e que os povos se tornam conscientes da unidade cultural e dos valores comuns. Portanto, os monumentos e os patrimônios devem ser preservados e a responsabilidade coletiva fomentada quanto à proteção dos bens para futuras gerações.

O patrimônio tem com a identidade inúmeras e variadas relações. Como atributo coletivo, o patrimônio é um elemento fundamental na construção da identidade social/cultural e, simultaneamente, é a própria materialização da identidade de um grupo/sociedade.” (RODRIGUES, 2012, p. 4).

## 1. Educação Patrimonial

A Educação Patrimonial é uma maneira genuína de preservação do patrimônio cultural. A expressão tem origem inglesa, em *Heritage Education*, e conforme Horta *et al.* (1999, p. 6) explicam, a educação patrimonial pode ser entendida como «um instrumento de alfabetização cultural, que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórica-temporal em que está inserido». Neste sentido, “o acto de educar, isto é, gerar e potenciar a totalidade das capacidades de cada um no sentido de um conhecimento das coisas e dos outros de forma livre e solidária, processo durante o qual a personalidade se forma pela interacção de todos os elementos educativos e se projecta em valores de participação, de diálogo, de solidariedade social e identidade cultural e se realiza através de acções e soluções para os diversos problemas” (CUSTÓDIO, 2000, p. 11).

Mário de Andrade, na década de 1930, afirmou que: “O ensino primário é imprescindível (...) Não basta ensinar o alfabeto a ler. É preciso dar-lhe contemporaneamente o elemento em que possa exercer a faculdade que adquiriu. Defender o nosso patrimônio histórico e artístico é alfabetização” (*apud* SILVA, 1992, p. 23).

De lá para cá, em face à conscientização da preservação do meio ambiente ao redor do globo, mobilizações para o desenvolvimento da fruição do patrimônio cultural sucederam, visto que a educação é importante e eficaz via para garantia da perpetuação humana. Pois através de estratégias educativas os

indivíduos podem ser sensibilizados a despertar o sentimento de identidade, bem como de detentor identitário.

## 2. Relato de experiência: a execução do plano de aula “Brasília – cidade inventada”

No currículo da disciplina Artes Visuais, do 7º ano, Educação Formal, da Secretaria de Educação do Distrito Federal, consta o conteúdo Patrimônio Histórico e Cultural. Eu, enquanto professora temporária de Artes e Projeto Diversificado, em 2019, com contrato na Secretaria de Educação do Distrito Federal, trabalhei com os alunos relações que os direcionaram ao reconhecimento individual e coletivo, estimulando ao sentimento de pertence e valorização da identidade individual e coletiva.

No ensino das Artes, no ano letivo 2019, estive patente a temática “Arte e Cidade”. Contudo, para dinamizar os conteúdos, fundamentei-me na abordagem triangular, que é traduzida “através da magia do fazer, da leitura deste fazer (...) e da contextualização” (BARBOSA, 1991, p. 34). Como estratégia, desenvolvi poesias que contemplaram o espaço e o território, ou seja, a localização de habitação dos alunos, bem como trabalhamos conceitos sobre memória, conservação e preservação, que os direcionaram ao significado de Patrimônio Cultural da Humanidade, tendo como referência a sua cidade, Brasília, a capital federal do Brasil.

Desse modo, para demonstrar nosso encontro com a “cidade inventada” por Lúcio Costa, apresento, brevemente, o plano de aula realizado no 1º bimestre.

Em um primeiro momento, abordamos o conteúdo “Estudo sobre Arte e Cidade”, cuja temática relaciona-se com a cidade, tal como: paisagem urbana, paisagem rural, festa, ponto de encontro, mobilidade, mercado, ambiente de consumo e patrimônio, tendo como foco o Distrito Federal.

Os alunos, certamente, levantaram diversas questões a fim de compreender como a cidade ou mesmo os ambientes e festividades são considerados: Patrimônio, memória, arte. Apresentamos diversas imagens através de projeção, para demonstrar a relação entre arte e cidade – arte como forma de expressão, representatividade, composição, técnica. Além disso, discutimos a cidade enquanto poética em analogia com poesia; desta forma, pudemos reportar questões relativas ao Patrimônio, à memória, à identidade, à cultura popular, à cultura erudita, à cultura de massa. Nada fácil para os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II.

Porém, para que eles compreendessem o conteúdo, a temática, a explicação em sala de aula, lhes foi proposto a produção de desenhos. O objetivo dos desenhos foi o de verificar o grau de absorção do conhecimento e entendimento dos alunos quanto às informações oferecidas. Afinal, a representação gráfica é, em muitos sentidos, uma forma de representação do pensamento. Os alunos fizeram desenhos sobre a cidade e lugares diversos, ambientes, festividades (por vezes, tradicionais), pelo que abrimos diálogo sobre Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial.

Dali, partimos para cartografia do Distrito Federal, com foco no Patrimônio Material presente. Neste momento o foco era fazer com que o indivíduo se percebesse no espaço da cidade, afinal o Patrimônio frequentemente nos remete a sentimentos

de apropriação, memória, identidade. Esta foi uma das propostas aqui enaltecidas. Portanto, os jovens tiveram como tarefa fotografar a sua cidade, o seu bairro, o local ao seu redor, a fim de apresentar indícios de pertencimento. As fotografias foram levadas para sala de aula e as vimos juntos. Os alunos, inicialmente, não se sentiam à vontade ao mostrar seus registros ou mesmo os referenciais escolhidos. Pouco a pouco, as trocas de imagens decorriam, eles se explicavam, diziam sobre o local, onde fizeram as fotos, por que o ambiente foi considerado importante. Neste momento, eclodiram histórias pessoais, recordações, informações, ou seja, referência e memória.

Na sequência da respectiva atividade, trabalhamos a técnica da dobradura. Dobramos as fotografias e papéis coloridos em formato de aviões de pequena dimensão. Prática tal que nos exigiu concentração e dedicação, pois os aviões são uma tentativa para ação lúdica e o brincar.

Em aula posterior, assistimos o filme *Faroeste Caboclo* (lançado em 2013, com direção de René Sampaio), com intenção desenvolver processo de contextualização do fazer artístico. Assim pudemos ver imagens em movimento da nossa cidade. Nossa próxima tarefa foi a de montar um painel no mural de entrada da escola. Para isso utilizamos as dobraduras feitas anteriormente e, lembrando o desenho do Plano Piloto realizado pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa, eu e os alunos concebemos um avião. As fotografias dobradas puderam sensibiliza-los para que obtivessem o sentimento de pertence e parte da capital federal do Brasil.

A ação educativa patrimonial em sala de aula manteve-se através de uma contextualização a partir de um texto, composto por frases, que remontam a história e sinergia da construção do Distrito Federal. Cada frase do texto foi oferecida a um aluno. Também lhes foi disponibilizado imagens sobre a histórica trajetória de Brasília, desde o sonho de Dom Bosco à edificação da cidade. Na circunstância, os estudantes leram a frase em voz alta e identificaram as imagens. Na aula posterior, eles construíram uma representação gráfica de Brasília, ao som da banda Legião Urbana.

Todavia, tal como decorre nas escolas convencionais, a avaliação nos é crucial. Consequentemente, produzi e lhes ofereci um texto, denominado “Brasília – cidade inventada”. Como forma de questioná-los sobre a apreensão de conhecimento, solicitei uma redação com inspiração em Brasília e nos estudos realizados. Os alunos, em grande parte, solicitaram para que a atividade fosse realizada em casa, e foi facultado. O texto disponibilizado em sala de aula pode ser verificado a seguir:

### Brasília – Cidade Inventada

Almeja-se, através de palavras, apresentar, mostrar, ou melhor, fazer um *tour* aos meandros da primeira cidade construída de raiz segundo os princípios da Carta de Atenas. O nome dela é Brasília, capital federal do Brasil. Assim aqui se propõe abrir diálogo sobre a cidade traçada entre os paralelos 15º e 20º, que possui urbanismo planejado para ver o céu por todos os lados - basta inclinar a frente para o alto -, onde os pilótis dos prédios de concreto armado permitem o olhar ao longe/ horizonte. A planta baixa da cidade tem o formato como que de um pássaro – do Pássaro Ibis que, no Antigo Egito, guardavam as Pirâmides, e suas asas atuavam como manto protetor -, assemelha-se também a um avião

que, por isso, o projeto tem a denominação de Plano-Piloto. Aí se abrem as conexões das Pirâmides a Brasília, de Aknaton a Juscelino Kubitschek, como dizem os egiptólogos.

Brasília tem data de nascimento estabelecida em 21 de Abril de 1960, mesmo dia de morte do mártir da inconfiabilidade Mineira/ herói nacional, chamado Tiradentes. Todavia, podemos dizer que, por muito tempo, desejava-se esta Capital... Falamos de séculos! Ela fora pensada desde XVIII, primordialmente, por Marquês de Pombal. Sonhada pelo santo italiano, Dom Bosco, em XIX. Porém, somente concretizada no século XX, pelo médico, visionário, Juscelino Kubitschek (JK), o Presidente da República Federativa do Brasil.

O Presidente tinha metas de desenvolvimento para o país – ‘50 anos em 5’, era o lema. Entre as propostas de JK estava a promessa de seguir a risca a Constituição Brasileira; Dentre as linhas de trabalho da pasta presidencial, constava a mudança de localização da capital, e assim o visionário fez valer sua promessa e execução.

Abriu-se concurso. O urbanista Lúcio Costa - que gastou apenas cerca de vinte e cinco cruzeiros, e a trabalhar, por volta de, sessenta e quatro horas, em punhado de lápis, tinta e borracha sobre papel comum - arrebatou o prêmio. Então, no Planalto Central nascem dois eixos cruzando-se em ângulo reto, idêntico ao sinal da cruz.

O mentor do projeto monta sua equipe para construção da obra inventada, são seus auxiliares e também protagonistas, sendo eles: o arquiteto Oscar Niemeyer, o paisagista Burle Marx e o artista plástico Athos Bulcão.

O Plano-Piloto alçou voo e encontrou fama em todo o planeta devido ao Modernismo, a integração do urbanismo, arquitetura, paisagismo e arte. Em 1987, o Distrito Federal do Brasil é oficialmente intitulado Patrimônio Cultural da Humanidade. Dessa forma, a partir das obras do artista plástico Athos Bulcão, traçaremos nossa rota para viagem (*tour*) por/entre os pontos mais significativos da monumental cidade (in)defesa (texto da autora).

Em continuidade com nossa ação educacional patrimonial em sala de aula, apresentamos as formas arquitetônicas dos monumentos do centro do Plano Piloto. Abrimos discussão sobre o estilo Modernista, enquanto protagonista estético, temporal e histórico. Falamos sobre as relações da Arte na respectiva linha do tempo daquele período, no estilo arquitetônico e urbanístico daquela época. Para os estudantes, inicialmente, o conteúdo tinha aparência complexa, até que alguns começaram a refletir sobre outros lugares que haviam visitado, confirmando, portanto, as diferenciações, e

também as culturas e identidades. Diálogo este oportuno, visto que nos possibilitou trabalhar os elementos da linguagem visual e a interação das formas na composição e conjugando com a arquitetura e paisagismo.

Neste contexto, o momento mais produtivo foi realizar um *tour* por meio de imagens. Fomos aos diversos locais patrimoniais e arquitetônicos de Brasília, perpassamos por avenidas, conectando as linhas, as formas, com concreto e a azulejaria. Por exemplo, pudemos constatar a geometrização presente no estilo Modernista ao observamos a forma de trapézio do Teatro Nacional (Brasília) com os cubos sobressaltados que o decora, e azulejaria presente na parte interna da construção. Com esta aula, surgiu compreensão dos alunos quanto à relação entre a cidade e a História da Arte, o que me remeteu, certamente, a questões propostas por Giulio Carlo Argan (1998), no livro *História da Cidade como História da Arte*.

Após nosso *tour*, onde fizemos leitura da imagem visual, desenvolvemos atividade em grupo de cinco alunos. Nesta ocasião, a proposta do fazer artístico relaciona-se com a obra do artista plástico Athos Bulcão. Para isso, enquanto material trabalhamos com radiografias (que os alunos trouxeram de casa), logo, criamos moldes em formatos geométricos. Os supostos azulejos foram feitos de papel (cartolina), cortados em forma de quadrado de dimensão de 20x20cm. Com o material disponível, os jovens puderam montar os padrões seguindo o arranjo elaborado por Athos Bulcão, ou seja, a cada quatro azulejos (que juntos compõem um quadrado maior), ao menos dois deles possuem padrão idêntico. O lápis de cor se fez protagonista no planejamento do colorismo desenvolvido por cada grupo, que utilizaram no máximo duas cores na composição. Por fim, cada grupo anexou sua composição no painel da sala de aula, e conseguimos obter uma montagem cuja dimensão total foi de 4,5m por 1,46m.

Como resultado, tivemos a oportunidade de homenagear a capital do Brasil, pelos seus 59 anos, compreendendo a cidade enquanto herança e a relevância da memória; entendendo a Arte e as possibilidades do fazer artístico, e como a Arte está interligada à leitura da imagem e da contextualização. Através de diferentes técnicas, seguindo a respectiva temática, busquei viabilizar aos estudantes a autopercepção enquanto eles remontavam a “Cidade Inventada”.

## Referências

- ARGAN, G. C. **História da Arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARBOSA, A. M. **Imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.
- CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. Edições Unesp, 2001.
- CUSTÓDIO, J. **Dar Futuro ao Passado**. Lisboa: IPPAR, 1993.
- CUSTÓDIO, J. Educação patrimonial. **Revista da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico**, nº 1, 2000.
- HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- PERALTA, E. **Patrimônio e identidade desafios do turismo cultural**. 1997. Disponível em <http://ceaa.ufp.pt/turismo3.htm>. Acesso em Janeiro de 2020.
- PEREIRO, X. Patrimônio Cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. **Revista dos sócios do Museu do Povo Galego**, n. 2, 2006.
- RODRIGUES, D. Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. **Revista Ubimuseum**, nº 1, Universidade da Beira Interior (POR), 2012. Disponível em <http://www.ubimuseum.ubi.pt/>. Acesso em Janeiro de 2020.
- SILVA, A. C. Um breve histórico do Patrimônio. In: **Memória e educação**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural. Departamento de Promoção, Paço Imperial, 1992.
- VIEIRA, I. C. P. **O Patrimônio e o turismo: cidade de Lamego**. Dissertação de Mestrado em Patrimônio e Turismo no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2006.